

A verdade dos modelos.

(Ciencia e verdade de Milton Vargas).

Em sua Conclusao Vargas coloca a questao neo-platonica das "formas reais", (pag. 115), da "Verdade das sentencas formais", (pag. 114), e das "expressoes adequadas", (pag. 116). Sem entrar na problematica do amarrado "real-verdadeiro-adequado", sinto-me desafiado a enfrentar a provocacao que Vargas nos lanca. Trata-se de desafio que nao e possivel ser enfrentado com generalidades. Vargas nos propoe terreno propicio ao seu argumento: o da geometria e da fisica. Nao me deixarei destarte "platonizar", e escolherei meu proprio terreno de combate. "Proprio" nao no sentido de "familiar para mim", mas no sentido de "pouco propicio a tese de Vargas". O da biologia.

Uma das contendas mais sangrentas dos seculos 19 e 20 se trava sobre fundo pretensamente cientifico: sera o homem condicionado sobretudo por fatores hereditarios, ou por fatores adquiridos? A "direita" acentua os fatores hereditarios, a "esquerda" os adquiridos. Por certo: tal questionamento e ideologico, e visa encobrir os motivos reais da contenda. Os defensores da hereditariedade visam preservar o status quo, e acentuam os fatores hereditarios por terem sido eles, ate recentemente, inacessiveis para a acao modificadora. Os defensores do "ambiente" visam modificar o status quo, e acentuam os fatores adquiridos, por ser o ambiente humano acessivel para a acao modificadora. Os "hereditaristas" sao, na realidade, reacionarios por motivos economico-socio-culturais, e os "ambientistas" sao, na realidade, engajados na modificacao da sociedade. Ambos procuram apoio sobre "posicoes pretendamente cientificas", por ocupar atualmente a ciencia o posto ocupado pela religiao em sociedades precedentes. O da "autoridade".

Em tal contenda ideologica se espelha, de maneira caricada, um verdadeiro problema da biologia: o da origem das especies. E certo que a informacao genetica, responsavel pela estrutura do organismo, e modificada apenas raramente pelo ambiente, e modifica-se, na enorme maioria das vezes, gracias a um jogo interno. As raras exepcoes sao os raios radio-ativos. Tal alta autonomia da hereditariedade com relacao a ambiente e o ponto de apoio dos hereditaristas, (darwinistas). Mas igualmente certo e que especie inadaptada ao ambiente sera extinta, exceto raros casos. Uma das exepcoes e a armacao de certos cervos. Tal alta dependencia do organismo com relacao ao ambiente e o pontonde apoio dos ambientalistas, (lamarckianos). A posicao darwiniana predominava durante decenios, mas esta atualmente sendo desafiada pela lamarckiana, (ecologia). Embora as posicoes cientificas nao sejam tao nitidamente distinta quanto o sao na ideologia, colocam serio problema. O do conceito "especie".

"Especie" e, como todo conceito, instrumento para recortar o dado concreto em pedacos concebiveis, definiveis. E esta a funcao da racao: corstr o concreto em racoes, racionalisa-lo. Mas o concreto se recusa a ser destarte despedacado. Nao importa como definamos "especie", sempre houvera organismos que lhe escapam. Se definimos "especie" como grupo de organismos que entrecruzam e nao cruzam com grupo diferante, teremos "hibridos" de um lado, "racas" do outro. Hibridos sao cruzamentos inter-especificos, que sao geralmente estereis, mas que podem dar origem a especie nova. Racas sao sub-grupos da especie, mas que podem originar especie nova

que pode assemblhar-se de outra especie, inclusive de especie pertencente a familia diferente. De modo que cruzamento e criterio falho para definir-se "especie". Mas nao ha criterio mais "adequado". Se tentarmos definicao partindo de criterios genotipicos, (estrutura da informacao genetica), envez de criterios fenotipicos, (estrutura do organismo), esbarraremos contra outras "excepcoes" que escapam a definicao proposta. O conceito "especie" nao capta jamais o fenomeno concreto da vida.

Mas o conceito "especie", (ou outro conceito qualquer do mesmo tipo), e nao obstante indispensavel para todo conhecimento em biologia. E ele o unico ponto de partida para generalizacoes que constituirao uma teoria. Dele sao induzidos conceitos mais gerais, como "familia", "genero", "classe" ou "filo". O edificio teoretico biologico todo repousa sobre conceitos do tipo. O organismo concreto nao permite o salto para a teoria. E ao avancarmos destarte de "especie" para conceitos mais amplos, (portanto mais "vasios" em conteudo), verificaremos consequencia propriamente "espectral" ou "espiritista" da teoretizacao: quanto mais "amplo" e "vasio" o conceito, tanto menos o "real", (o dado concreto observado), resiste ao nosso esforco de defini-lo. A distincao entre dois files e muito menos problematica que a distincao entre duas especies. A razao teoretica vai se revelando rede capaz de captar enchames de peixes, mas que deixa escapar o peixe individual durante a pesca.

Este problema epistemologico vale para toda ciencia, mas quando se trata de biologia, o problema se curva curiosamente sobre si proprio, e recebe "solucao" inesperada. Vista biologicamente, a razao e funcao especificamente humana, como a teia e funcao especifica de determinadas especies de aranha. A funcao da teia e captar insetos, a da razao captar generalidades. Tal kantismo biologisante, segundo o qual toda especie possuiria, no seu programa genetico, as suas proprias "categorias da percepcao", nao e, por certo, resposta "valida" ao problema da epistemologia. Segundo tal kantismo captamos tudo, teias, aranhas, homens e suas categorias da percepcao, pelas categorias de tal "razao pura biologisada". O proprio problema epistemologico e captado pelas categorias que problematiza. Mas, embora nao resposta "valida", (por "reflexiva"), sugere ela, nao obstante, saida da aporia.

Podemos doravante formular a pergunta: "como se originam as especies?" da seguinte maneira: "Quais as categorias das quais dispomos para captar o mecanismo da evolucao da vida?". Quais as malhas da nossa teia da razao que podem pescar tal mecanismo? De quais "modelos" dispomos para tanto? De dois: do darwiniano e do Lamarckiano. Segundo o modelo darwiniano "especie" e ramo da arvore genealogica da vida, arvore esta que estrutura a seiva vital, (a informacao genetica), e que vai se ramificando sem influencia externa. Segundo o modelo Lamarckiano "especie" e grupo de organismos que ocupa determinado nicho, ("habitat"), na estrutura geral da vida sobre a Terra, (no "ecosistema"), e que se modifica segundo a modificacao do "ambiente", (da estrutura do ecosistema). Os dois modelos sao parcialmente incompativeis, mas podem ser manipulados para coincidirem. Podem ser "superados" por meta-modelo que os abranja a ambos. Dispomos, para tanto, de pelo menos dois meta-modelos:

Para o meta-modelo reichiano o universo e explosao durante a qual uma

forma de energia originalmente uniforme, o "orgon", vai se desdobrando em tendencias opostas. Aonde duas tendencias opostam se chocam uma contra a outra, surgem "objetos" orgon condensado. O orgon e "recalcado" sob forma de objetos. Os objetos, esses acumuladores de orgon, se chocam, por sua vez, no curso da explosao universal, e destartem dao origem a objetos sempre mais complexos e mais carregados de orgon. Destarte surgem, em dado instante na superficie do planeta Terra, objetos extremamente complexos e altamente carregados de orgon, os organismos. E continuam se chocando um contra o outro. O orgon que destarte vai sendo "recalcado" sempre mais, provem tanto do interior de um organismo dado, como do organismo contra o qual este se choca. Os darwinistas acentuam o orgon "interno", os lamarckianos o orgon "externo", mas tal contradicao dos dois modelos e "superada" no modelo reichiano pela introducao do conceito "recalque". A especie se origina por mutuo recalque do organismo e do ambiente.

Para o meta-modelo da teoria dos jogos o universo e realizacao progressiva de virtualidades contidas em programa inicial. Tal realizacao e explosiva, (Big Bang) e progride ao acaso. Formam-se permutacoes casuais dos elementos da informacao (dos "bits"), contidos no programa inicial, e formam-se pelos dois lados de uma escala de grandeza. De um dos lados formam-se particulas, atomos, moleculas, do outro lado super-galaxias, galaxias, sistemas planetarios, a Terra. No centro da escala formam-se, no curso desse jogo do acaso, e em momento dado, os organismos. Sao eles realizacoes de virtualidades extremamente pouco provaveis, mas que viraram necessarias em tal momento dado. Pois quando tais realizacoes, os organismos, surgem, abrem eles, por sua vez, novas virtualidades para a continuacao do jogo do acaso. Surge destarte nova variante do jogo cosmico do acaso: a da evolucao da vida. Jogo que faz parte do "grande jogo", mas que pode ser estudado separadamente. Os darwinistas acentuam, em tal jogo evolucionario, as pecas do jogo, (a informacao genetica), e os lamarckianos acentuam a co-implicacao das pecas no jogo, (o ecossistema). Mas o meta-modelo da teoria dos jogos "supera" talcontradicao dos dois modelos pela introducao do conceito "acaso". As especies se originam pelo acaso da coincidencia entre organismo e ambiente.

Trata-se aqui, nao da realidade concreta, mas de modelos e meta-modelos. De instrumentos produzidos e modelados deliberadamente para resolver problemas, isto e: dar respostas a perguntas. Perguntar se tais modelos sao "verdadeiros" so tem sentido em relacao a sua capacidade de responder a perguntas. O modelo reichiano e "verdadeiro", na medida em que responde a pergunta posta pela contradicao entre o modelo darwiniano e o lamarckiano. Tal "verdade" nada tem a ver com a "realidade" do fenomeno concretamente observado, este verme aqui, esta rosa, este virus. Querer adequar o modelo reichiano ao verme e perder de vista a funcao do modelo: a sua virtude nao e "reveladora do Ser", mas explicativa de perguntas.

Mas, por certo: a ultima meta dos modelos e atingir, atravez as perguntas, o fenomeno concreto. Capta-lo e modela-lo para que caiba nas categorias do modelo. Pois se tentarmos faze-lo, verificamos que o modelo vai perdendo a sua virtude explicativa. E vai encobrendo o fenomeno, emvez de "revela-lo". O modelo nao foi feito para captar fenomenos, mas para explicar perguntas. A "razao" nao foi feita para captar a "realidade". Se tal for nossa meta, devemos "suspender" todos os

modelos, po-los de lado, (entre parenteses), e permitir ao fenomeno que assuma a palavra. E ai verificaremos, extremamente surpresos, que, para podermos faze-lo, e preciso que "suspendamos" os modelos dentro de uma especie de armario, que e, ele proprio, um modelo: o meta-meta-modelo dos meta-modelos. Tal armario dentro do qual todos os modelos podem ser suspensos nos e fornecido pela fenomenologia.

Se quizermos captar o verme, a rosa, o virus, em sua concreticidade imediata, devemos primeiro admitir que o concreto, (a "realidade tout court"), e o fato que estamos no mundo. Este nosso estar-no-mundo e um campo composto de relacoes, um tecido relacional cujos fios nos ligam a tudo, e ligam tudo a tudo. Tais relacoes sao o que e o concreto, (a "realidade tout court"), e todo o resto, (nos proprios e os objetos que nos cercam), sao abstracoes desse dado concreto, "conceitos". Tal campo relacional e o que Reich chama de "orgon", e a teoria dos jogos chama de "programa". Aplicando este meta-meta-modelo ao problema epistemologico colocado pela biologia: os organismos sao abstracoes, conceitos abstraídos do campo relacional, amarrados de fios; e o seu ambiente e abstracao, conceito abstraído do campo relacional, amarrado de fios. Organismo e ambiente sao extrapolacoes de relacoes concretas. Quando observamos tais relacoes, com as quais estamos, nos proprios, ligados, extrapolamos delas de um lado o organismo, do outro o ambiente, isto e: lancamos modelos, (Vargas diria "formas"), sobre o fenomeno concreto, e destarte o encobrimos. So vemos "verme" e "humus", (modelos), e nao mais vemos a concreticidade do fenomeno, que e a do "vermicar do humus e humicar do verme". E tudo isto enquanto uma das relacoes gracias aos quais estamos nos proprios no mundo. Neste sentido, fenomenologico, todos os modelos, (Vargas: formas, sentencas formais, expressoes adequadas), sao "falsos".

Mas por certo: a propria "visao fenomenologica", tal armario aonde todos os modelos sao suspensos, e, ela propria, modelo. Modelo o qual visa "superar" a contradicao entre o modelo reichiano e o da teoria dos jogos pela introducao do conceito "campo relacional" ou "campo de intencionalidades". O fato e que nao podemos viver no mundo sem recorreremos a modelos, embora os saibamos "falsos" em sentido um tanto mistico do termo. Modelos impedem a nossa "uniao mistica imediata com o concreto", o nosso mergulho no dado. Nao podemos viver no mundo sem modelos, pela razao brutalmente simples que nosso estar-no-mundo nao nos permite tal mergulho, a menos que recorramos a ginasticas como a acima esboçada. Estamos no mundo enquanto "alienados" do mundo. "Ek-sistimos". E os modelos, conceitos, (formas, sentencas formais, expressoes adequadas), etc., sao instrumentos pelos quais procuramos lancar pontes sobre o abismo que nos separa do dado concreto. Sao provas o quanto somos alienados do dado concreto, da "realidade". Sao instrumentos falhos, e neste sentido "falsos". Mas atestam a nossa dignidade enquanto estares-no-mundo que nao vivem integrados no mundo, mas existem nele. O desafio que Vargas nos lanca e este: nao mais procurar a "verdade" em topos uranicos qualquer, aonde as formas reais resplandescem, mas no intimo do "homo absconditus", aonde tais formas sao elaboradas para serem "reais" para o homem, no sentido de permitir-le a existir dignamente no mundo. Precisamente por serem tais formas "falsas" ontologicamente, sao elas "reais" existencialmente. A "realidade humana" e a que ele proprio faz, face ao absurdo concreto dentro do qual foi lancado, mas do qual esta distanciada.